

China anuncia PIB de 5,2%, mas Ocidente expõe crise na relação

Expansão beneficia economia global; entretanto, Otan alerta para avanço sobre 5G e UE busca novos parceiros

DESÃO PAULO

O Produto Interno Bruto (PIB) da China cresceu 5,2%, no ano passado, afirmou, ontem, o primeiro-ministro chinês Li Qiang em discurso no Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça.

O desempenho surpreendeu devido às notícias de dificuldades da economia do país asiático. Porém, o Ocidente ainda vê com desconfiança o avanço da locomotiva chinesa, apesar de da China ser uma força favorável à retomada mundial.

Segundo Li, o crescimento do PIB superou a meta oficial, de 5%, excelente para o Brasil, cuja balança comercial (exportações menos importações) de US\$ 98 bilhões no ano passado foi puxada pelos chineses.

Mas o mercado se surpreendeu com o PIB chinês porque as notícias do país são de dificuldades com o setor imobiliário, responsável por um quarto do PIB. Há imóveis sem comprador, preços em queda e construtoras em processo acelerado de falência. Porém, aparentemente há outros setores em alta.

Mas Davos também é palco para o Ocidente demonstrar sua desconfiança com o gigante asiático. O secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), Jens Stoltenberg,



Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, discursa em Davos: com a guerra, Ocidente passou a buscar parceiros comerciais mais "confiáveis"

afirmou que a China tem agido para tentar controlar "infraestrutura crucial" no mundo, citando o 5G. "É uma questão comercial, mas também da nossa segurança".

Stoltenberg foi questionado pelo fato de um chefe da Otan comentar a situação na China, algo que no passado não ocorria. Segundo ele, cada vez mais a aliança transatlântica entre Estados Unidos e países da Europa é afetada por "ameaças globais".

NOVA GLOBALIZAÇÃO

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, afirmou que a Europa não pretende se afastar ou se desligar da China. "Apenas queremos reduzir os riscos desta relação e aumentar a resiliência das nossas cadeias de oferta", afirmou em painel do fórum.

Desde a invasão da Ucrânia pela Rússia, simultânea à disputa comercial dos EUA com a China, o Ocidente tem transferido o fornecimento da indústria, antes concentrado na China, para países "confiáveis", como o México. Em caso de novos conflitos, haveria um menor risco de desabastecido.

Nessa espécie de revisão da globalização, Ursula disse que a União Europeia está trabalhando para diversificar cadeias de suprimento e alcançar mais acordos comerciais com outros parceiros. "No ano passado, a energia gerada por fontes limpas, como solar e eólica, ultrapassou os níveis de combustíveis importados da Rússia, comprovando que podemos ampliar nossa resiliência". (Estação Conteúdo)

MARINA VÊ CONTRADIÇÃO DO PETRÓLEO

Em painel no Fórum Econômico Mundial realizado ontem, a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, afirmou que o planeta enfrenta uma "contradição", na qual vários países seguem fornecendo subsídios para a cadeia do petróleo ao mesmo tempo em que atuam para combater os

efeitos das mudanças climáticas. Marina lembrou que o Ibama negou a concessão de licença para a exploração de petróleo na foz do Rio Amazônia duas vezes por razões ambientais. Ainda assim, a Petrobras realiza estudos de viabilidade sobre a exploração da

Margem Equatorial (região da costa que vai do Amapá ao Rio Grande do Norte). No mesmo painel, mediado pelo apresentador da TV Globo Luciano Huck, o presidente da Colômbia, Gustavo Petro, reforçou sua posição em defesa do fim da exploração de petróleo na Floresta

Amazônica. Já o governador do Pará, Helder Barbalho, no mesmo debate, garantiu que seu estado, passou da condição de "vilão" no processo de redução do desmatamento da Amazônia para "ativo mais importante" no objetivo de reduzir as emissões de carbono.